

PROTAGONISMO, AUTONOMIA E EMPODERAMENTO DAS MULHERES NA GESTÃO DOS NEGÓCIOS AGROPECUÁRIOS E NA AGRICULTURA FAMILIAR

acesso a crédito, capacitação técnica e liderança em cooperativas

Ainor Francisco Lotério

Engenheiro agrônomo, extensionista rural, instrutor cooperativista, mestre em Gestão de Políticas Públicas, teólogo e filósofo. Criador da Agrosófia. Portais: www.ainor.com.br e www.loterio.com.br

A GESTORA QUE SEMPRE ESTEVE ALI

Em toda propriedade rural que visitei ao longo da vida profissional encontrei uma mulher que sabia o preço do produto, a data da vacina, o vencimento da parcela, o nome do comprador e o humor do banco. Ela administrava, planejava, negociava e decidia. O que faltava não era competência, era registro. O nome dela não estava na nota fiscal, nem no contrato de financiamento, nem na lista de associados da cooperativa, nem na chapa que disputava a eleição.

Esse é o ponto de partida desta reflexão. Falar de empoderamento feminino no campo não é falar de inserir a mulher em uma atividade da qual ela estivesse fora, mas de reconhecer, formal, econômica e institucionalmente, uma gestora que sempre esteve ali. A desvalorização das mulheres e a falta de integração delas nos negócios da propriedade, tanto da porteira para dentro quanto da porteira para fora, quando sequer podiam associar-se aos sindicatos e às cooperativas, ajudaram a criar a cultura do afastamento feminino do campo, como que a dizer que “a agricultura não é para mulher” (LOTÉRIO, 2024a).

O RECONHECIMENTO QUE FALTAVA NOS REGISTROS

Durante muito tempo os instrumentos de registro admitiam um único responsável por estabelecimento agropecuário. Onde o casal dirigia junto, e isso é a regra na agricultura familiar, apenas um nome aparecia. A codireção existia na vida real e não existia no dado. Somente quando o levantamento oficial passou a admitir a direção compartilhada, a presença feminina na gestão começou a ganhar visibilidade estatística (IBGE, 2019).

O aprendizado é de método, não de estatística. O que não se mede não se planeja, e o que não se planeja não recebe política pública, crédito nem assistência técnica. A invisibilidade da mulher no registro produziu, por décadas, sua invisibilidade no orçamento. Reconhecer quem produz é o primeiro ato de qualquer política de autonomia.

Há ainda um segundo aprendizado. A direção feminina costuma concentrar-se nas unidades de menor porte, de modo que o avanço no reconhecimento não se converte automaticamente em avanço no acesso a recursos. Reconhecimento sem base econômica é reconhecimento incompleto.

ACESSO A CRÉDITO: ONDE A AUTONOMIA SE PROVA

Crédito é a prova concreta da autonomia. Enquanto o financiamento sai no nome do marido, do pai ou do irmão, a mulher permanece operadora de um negócio que juridicamente não é dela, e toda a construção de protagonismo fica dependente da boa vontade alheia.

Os estudos sobre a distribuição do crédito rural na agricultura familiar mostram um padrão que se repete: as mulheres participam de forma minoritária do volume total contratado e aparecem com mais força justamente nas linhas de menor valor, aquelas voltadas ao microcrédito e aos públicos de renda mais baixa. Mesmo linhas criadas especificamente para elas registram adesão modesta quando as condições de renda e de limite não correspondem à realidade das produtoras (FREDO; FREITAS, 2024).

A lição prática é direta. Não basta criar a linha de crédito, é preciso que ela seja conhecida, acessível e efetivamente vantajosa. E antes do crédito vem o documento: sem cadastro da unidade familiar atualizado, sem titularidade ou cotitularidade da terra e sem histórico próprio junto ao sistema financeiro, a produtora chega ao balcão sem os instrumentos que a operação exige. A extensão rural, a cooperativa e o sindicato têm aqui uma tarefa anterior à assinatura do contrato.

CAPACITAÇÃO TÉCNICA: DE AJUDANTE A GESTORA

Durante muito tempo a assistência técnica falou com o homem da casa. O técnico chegava, cumprimentava a dona da casa, tomava o café que ela preparava e ia conversar com o marido sobre a lavoura que ambos conduziam. Não havia má intenção, havia hábito. E o hábito produziu efeito: a mulher recebeu menos informação técnica, menos formação gerencial e menos acesso às decisões de investimento.

Reverter isso exige método. Convidar nominalmente as duas pessoas para a reunião, a visita e o curso. Considerar a jornada real das mulheres na definição de horários e locais, porque uma capacitação marcada em horário incompatível com o cuidado da casa e dos filhos é, na prática, uma capacitação vedada. Tratar de gestão, custos, comercialização, agroindustrialização e uso de ferramentas digitais, e não apenas dos temas historicamente destinados a elas. E valorizar as atividades em que as mulheres já lideram, como a produção de alimentos processados, o artesanato, o turismo rural e a venda direta, que agregam valor e diversificam a renda da unidade familiar.

Onde a formação técnica chegou às mulheres, o resultado apareceu no desempenho da propriedade inteira. Não se trata de um programa social paralelo, mas de qualificar quem, na maioria das famílias, já controla o caixa.

LIDERANÇA EM COOPERATIVAS: DA PLATEIA À MESA DIRETORA

No cooperativismo, a presença feminina é expressiva no quadro social e majoritária no quadro de trabalho, mas segue reduzida nas posições de decisão. Esse contraste entre presença e poder é o retrato fiel do problema: elas estão na cooperativa, mas ainda pouco na mesa onde a cooperativa se decide (SISTEMA OCB, 2025).

Há avanços concretos. Comitês de participação feminina, núcleos de mulheres e programas de formação de novas lideranças vêm ampliando a representatividade delas na gestão e na governança, e a própria representação nacional do setor já é dirigida por uma mulher em sua presidência executiva.

O ponto de atenção é não confundir participação com protagonismo. Um núcleo feminino que organiza confraternizações e não discute preço, sobras, investimento e estratégia cumpre função social, mas não produz liderança. O caminho que funciona é conhecido: formação continuada em doutrina cooperativista e gestão, participação nas comissões técnicas, preparação para os conselhos

fiscal e de administração e, sobretudo, a decisão política de abrir as chapas. Assim como a sucessão familiar, a renovação do quadro dirigente não acontece por acaso, ela se planeja (LOTÉRIO, 2024a).

O QUE APRENDI NOS ENCONTROS DE MULHERES

Falar para plateias de agricultoras e cooperativistas tornou-se uma constante em minha trajetória, dos encontros regionais de mulheres agricultoras promovidos pelo serviço de extensão rural em Santa Catarina aos encontros de mulheres cooperativistas realizados em outros estados (LOTÉRIO, 2016), passando pelos núcleos femininos e programas de mulheres cooperativistas de cooperativas de crédito e agropecuárias (LOTÉRIO, 2024b), pelos encontros com mulheres rurais promovidos por órgãos de extensão, entidades de formação profissional rural e prefeituras (LOTÉRIO, 2024c) e pelas palestras dedicadas à valorização da mulher no campo (LOTÉRIO, 2024d).

Três aprendizados se repetem nesses ambientes. O primeiro é que a autoestima antecede a planilha: mulheres que passaram a vida ouvindo que apenas ajudavam precisam, antes de qualquer técnica, reconhecer-se como produtoras. O segundo é que o obstáculo raramente é a capacidade e quase sempre a permissão, seja ela cultural, familiar ou institucional. O terceiro é que, quando uma mulher assume função de decisão na propriedade ou na cooperativa, ela não chega sozinha: leva consigo as filhas, as vizinhas e um jeito mais coletivo de conduzir, o que fortalece o próprio processo sucessório.

AGENDA PRÁTICA

Na propriedade, a agenda começa com o básico: documentação e cadastro em dia, cotitularidade da terra e dos contratos, participação declarada na renda, acesso às informações financeiras do empreendimento e presença nas reuniões técnicas. Uma família que conversa abertamente sobre receitas, custos e planos forma, ao mesmo tempo, sócias e sucessoras.

Na cooperativa, a agenda passa por admitir a associação individual das mulheres da família, criar e qualificar comitês femininos com pauta econômica, incluir metas de participação nos programas de formação de lideranças, preparar candidatas aos conselhos e acompanhar os resultados com indicadores publicados no relatório anual. O que não é medido não é cobrado.

Na política pública, a agenda envolve extensão rural com metodologia sensível à realidade das mulheres, linhas de crédito com condições compatíveis com o porte dos seus empreendimentos, ampla divulgação dessas linhas nos municípios e continuidade dos programas de documentação da trabalhadora rural. Sem os três níveis atuando juntos, o discurso do empoderamento fica no cartaz do evento.

PALAVRA FINAL

O protagonismo feminino no campo não é uma concessão que se faz às mulheres, é uma correção de rota que se faz em favor do próprio negócio agropecuário. Propriedades que integram as mulheres na gestão diversificam mais, controlam melhor os custos e retêm com mais facilidade a geração seguinte. Cooperativas que abrem espaço real de decisão ampliam a base social e qualificam a governança.

Autonomia se escreve em três documentos: o título, o contrato e a ata. Título da terra ou cotitularidade que reconhece quem produz. Contrato de crédito que atesta a capacidade de empreender. Ata de assembleia que registra a voz que decide. Enquanto esses três papéis não trouxerem o nome delas, seguiremos chamando de ajuda aquilo que sempre foi gestão.

O campo brasileiro já tem as mulheres. Falta reconhecê-las por escrito, financiá-las com justiça, capacitá-las com seriedade e elegê-las com naturalidade.

REFERÊNCIAS

FREDO, Carlos Eduardo; FREITAS, Silene Maria de. Inserção das mulheres no crédito rural do Programa Nacional da Agricultura Familiar (Pronaf). **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo: Instituto de Economia Agrícola, 2024.

IBGE. **Censo Agropecuário**: resultados definitivos. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Pais frouxos, filhos sofredores. Pais firmes, filhos felizes**: reflexões, agrosafia e motivação. Chapecó: Arcus Indústria Gráfica, 2015.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Encontro de mulheres cooperativistas**. Camboriú: Portal Aínor Lotério, 2016. Disponível em: www.ainor.com.br

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Relação do cooperativismo com a sucessão familiar**: análise, desafios, lições e estratégias preditivas. Camboriú: Portal Aínor Lotério, 2024a. Disponível em: www.ainor.com.br

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Cooperativismo, temas de palestras**: programas e núcleos femininos nas cooperativas. Camboriú: Portal Aínor Lotério, 2024b. Disponível em: www.ainor.com.br

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Agricultura, temas de palestras**: encontros de mulheres rurais e mulheres do agro. Camboriú: Portal Lotério, 2024c. Disponível em: www.loterio.com.br

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Eixos, temas e públicos**: palestras de valorização da mulher no campo. Camboriú: Portal Lotério, 2024d. Disponível em: www.loterio.com.br

SISTEMA OCB. **Anuário do cooperativismo brasileiro**. Brasília: Organização das Cooperativas Brasileiras, 2025.

SOBRE O AUTOR

Aínor Francisco Lotério nasceu na comunidade rural de Campestre, Vidal Ramos, Santa Catarina, filho de agricultores familiares. Formou-se técnico agrícola e engenheiro agrônomo, é mestre em Gestão de Políticas Públicas, além de psicopedagogo, teólogo e filósofo. Ingressou no serviço de extensão rural pela Acaresc, depois Emater-SC e Epagri, onde atuou junto às famílias e à juventude rural, implantou o Projeto Microbacias de Turismo Ecológico e Rural, foi Diretor Estadual e Gestor Estadual do Pró-Jovem, Programa de Motivação da Juventude Rural e Pesqueira do Estado de Santa Catarina.

Foi Prefeito Municipal de Camboriú, assessor legislativo na Alesc e consultor cooperativista junto à Emater-RS/Ascar e ao Sistema OCB/Sescoop. Mantém o programa de rádio Alegria de Viver. É criador da Agrosafia, filosofia de vida com base no agro, e dos conceitos de Motivação Racional, Inteligência Orientada, Ciclotivação e Pedagogia da Ausência. Autor de “Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes”, “Paixão pelo Cooperativismo”, “A Eternidade em Nós” e “Um Minuto de Inspiração”.

Atua como palestrante e instrutor nos eixos Motivação, Cooperativismo, Comunicação, Longevidade e Agrosafia, com centenas de encontros realizados com mulheres agricultoras e cooperativistas em todo o país. Reside em Camboriú, Santa Catarina, onde mantém o Sítio Agrosafia. Contato: ainorfloterio@gmail.com |

WhatsApp (47) 99967-5010 | www.ainor.com.br | www.loterio.com.br